

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

PROPOSTAS PARA UMA LEITURA MISSIONAL EM SALMOS Proposals for a missional reading in Psalms

Me. Daniel Aquino Torgan¹

RESUMO

A presente pesquisa tem o intuito de demonstrar como a hermenêutica missional pode ser base de interpretação para o livro de Salmos. As várias nuances de uma leitura bíblica onde o conceito de Missio Dei seja visto e aplicado dão ao saltério nova possibilidade de leitura e aplicação. Para tanto, é necessário também apresentar as mais importantes interpretações de Salmos, o conceito de Missio Dei, bem como a hermenêutica missional. As propostas para ler Salmos nesta hermenêutica, depois de tais apresentações, são meios de ajudar o intérprete na busca de uma leitura em que pese a revelação como consequência da missão de Deus.

Palavras-chaves: Salmos. Missio Dei. Hermenêutica missional.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate how the missional hermeneutic can be the basis for the interpretation of the book of Psalms. The various nuances of a biblical reading where the concept of Missio Dei is seen and applied would give to the psalter new possibilities of reading and application. Therefore, must also be presented the most important interpretations of the Psalms, the concept of Missio Dei and the missional hermeneutic. The proposals to read Psalms in this hermeneutics, after such presentations, are ways to help the interpreter in the search for a reading where the revelation is seen as a result of God's mission.

Keywords: Psalms. Missio Dei. Missional hermeneutic.

¹ Mestre em Teologia pelo programa de pós-graduação das Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Possui graduação em Teologia e pós-graduação em Teologia Bíblica do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Teológica Batista do Paraná (FTBP). E-mail: daniel.torgan@gmail.com

INTRODUÇÃO

O livro de Salmos já foi amplamente discutido e ainda gera debates em contextos hermenêuticos, exegéticos e teológicos. Como interpretar determinados salmos e de que maneira relacioná-los à vida do leitor moderno? Mais do que isso, qual seria a forma de perceber o saltério como uma produção dentro de um contexto maior – o Antigo Testamento? Estas e outras perguntas relacionadas à interpretação do livro de Salmos têm recebido respostas distintas por diferentes propostas hermenêuticas.

A hermenêutica missional é também uma proposta de interpretação bíblica que abrange Antigo e Novo Testamento, buscando relacionar as atividades práticas e reflexivas dos escritores com a concepção conhecida como *Missio Dei*. Dessa maneira, a pesquisa procura fazer perguntas de interpretação a essa proposta hermenêutica: é plausível, na leitura missional, interpretar o livro de Salmos? Se for viável, quais seriam, então, as diretrizes mais importantes para um intérprete no empenho de ler os Salmos a partir dessa hermenêutica? Diante disso, pode também ser indagado como o compêndio de cânticos se encaixa na estrutura do Antigo Testamento percebida pela proposta missional.

A essas perguntas acrescenta-se o caminho percorrido para se chegar a uma proposta de interpretação missional dos Salmos. Pois, antes das sugestões em si, o leitor deverá, de forma introdutória, ser apresentado a algumas interpretações que já foram dadas ao livro, à perspectiva missional no contexto geral do Antigo Testamento e ao seu conceito fundante, a *Missio Dei* – o caminho, portanto, será por si só enriquecedor.

1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO LIVRO

De maneira similar a outros escritos sagrados, os Salmos estão em formato de poesia. Uma poesia onde a correspondência se dá nas ideias tratadas e não necessariamente nas rimas fonéticas. Essa característica é chamada de paralelismo.² A poesia é distinta da prosa por sinais internos e externos: os internos dizem respeito à elevação do pensamento, uso de imagens e figuras de linguagem; os sinais exteriores são, por exemplo, ritmo, estrofes, rimas, acróstico, entre outros. A literatura hebraica em formato de poesia não falta com nenhuma dessas características.³ Inclusive, sua peculiaridade mais distinta - que é o uso do paralelismo - apesar de já ser conhecida em escritos de outros povos, nunca havia sido tão frequente e bem elaborado como na poesia bíblica.⁴

No saltério de hinos encontram-se variados tipos de salmos. Os mais recorrentes são os cânticos de lamento, também conhecidos como salmos de petição, e os cânticos de louvor. Há uma porção de salmos que tratam de temas específicos, como alguns que falam sobre o rei e sua relação com Deus – salmos régios; os afamados cânticos de Sião – enaltecendo a

² CHISHOLM Jr, Robert B. Uma teologia dos Salmos. In: ZUCK, Roy B. (ed). **Teologia do Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 228.

³ ALVES, Eduardo Leandro. **Salmos missiológicos: princípios bíblicos para a prática missionária da igreja**. Londrina: Descoberta, 2011, p. 20.

⁴ ALVES, 2011, p. 20.

santa cidade, escolhida por morada divina na terra; há salmos sapienciais, os quais consistem em apresentar os estilos de vida do justo e do ímpio – uma proposta parecida com o livro de Provérbios; também há salmos de entronização: os quais descrevem Deus reinando sobre o mundo,⁵ entre outros.

O nome do livro na língua original é *Tehillim*, plural de *tehillah*, que significa “louvor” ou “hino de louvor”. O que dá indicação de como os compiladores do livro entendiam esses cânticos – apesar de haver, como dito, hinos de lamento, entre outros temas. Dos 150 salmos arrolados no saltério, 57 trazem no título a especificação “*mizmor*”, que possui o sentido de “cantar acompanhado de um instrumento de corda”.⁶

Por fim, a divisão geral do livro de Salmos se dá em cinco partes. Elas compreendem, respectivamente, os capítulos: 1-41; 42-72; 73-89; 90-106 e 107-150.⁷ Cada parte termina com uma doxologia, ou seja, uma expressão de louvor a Deus (veja 41.14; 72.19; 89.56 e 106.48), sendo que o último capítulo do saltério, o salmo 150, é todo ele formado por doxologia, pois compreende a conclusão geral do livro.⁸

2. A DISCUSSÃO SOBRE COMO INTERPRETAR O LIVRO DE SALMOS

Tem se discutido por inúmeras vezes como interpretar o livro de Salmos. Não foi tão cedo que se percebeu a necessidade do saltério ser lido a partir do seu contexto maior (o Antigo Testamento, com suas implicações hermenêuticas), lembrando-se, porém, de seu contexto próximo – a literatura sapiencial.

Entre o Novo Testamento e a Reforma, a maioria das interpretações em Salmos usava o método alegórico. Com isso se buscava em cada detalhe possibilidades de aplicar o texto a Jesus Cristo.⁹ O desejo de se interpretar todo o Antigo Testamento a partir do Novo Testamento surgiu bem cedo no cristianismo, possivelmente por meio de embates entre a Igreja e a comunidade judaica. O método alegórico, em que o Antigo Testamento se torna alegoria para o Novo, fazia com que as escrituras da “antiga aliança” se tornassem impossíveis de serem interpretadas corretamente por judeus – especialmente por não terem o Novo Testamento como “chave hermenêutica” do Antigo. Os cristãos reivindicavam “para si a Bíblia judaica, insistindo em que os judeus não compreendiam as escrituras”.¹⁰

Lutero e, de modo especial, Calvino trouxeram novos ares às interpretações em Salmos. Ambos entendiam que esse texto deveria ser lido levando em consideração seu contexto imediato, histórico e sua língua original. Tampouco deixaram de ressaltar a natureza cristocêntrica deste livro.¹¹

Daquele tempo em diante, as mudanças na natureza da hermenêutica bíblica se refletiram também na interpretação de Salmos. Em 1811, Wilhelm de Wette publicou uma

⁵ CHISHOLM JR, 2009, p. 228.

⁶ RAGUER, Hilari. **Para compreender os Salmos**. São Paulo: Loyola, 1998, p. 21.

⁷ HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2005, p. 519-520.

⁸ RAGUER, 1998, p. 22.

⁹ HOUSE, 2005, p. 515.

¹⁰ GONZÁLEZ, 2015, p. 41.

¹¹ HOUSE, 2005, p. 515.

obra que, dentre outros detalhes, duvidava da possibilidade de entender que muitos salmos previssem a vinda de Cristo. O maior impacto, entretanto, veio pela obra de Hermann Gunkel. Com a utilização do método conhecido como “crítica da forma”, o teólogo primeiramente agrupou os salmos a partir de seus tipos literários e com isso passou a sugerir o contexto histórico em que eles haviam sido escritos. Por tal análise e também por não aceitar a fidelidade histórica dos salmos, situou quase todos em período muito recente, no pós-exílico.¹²

Os esforços mais recentes não puderam desconsiderar obras como a de Gunkel e, até por isso, tiveram de superar dificuldades apresentadas em sua análise. Pela crítica das formas, os Salmos ficaram isolados uns dos outros, não dando espaço para nenhuma continuidade dentro da estrutura do livro.

Em resposta a esse resultado, Childs propôs uma teologia canônica, tendo em vista a importância dos superescritos e ênfase nos salmos davídicos contidos no Novo Testamento. Mays também aborda vínculos de conteúdo dentro dos salmos e tenta demonstrar a influência de alguns destes cânticos para a teologia bíblica.¹³

House acompanha a ênfase canônica e entende que a teologia de salmos é o que liga as composições individuais em um compêndio só. Em sua visão, as circunstâncias e intempéries específicas demonstradas nas seções e até mesmo nos salmos individuais, são ligadas pelo destaque do escritor na “soberania de Deus sobre Israel e o restante da criação”.¹⁴ Os salmos expressam o culto prestado a Deus na condição de governador do mundo.

Von Rad também contribui para o entendimento dos salmos quando fala sobre a história da salvação. Para tal teólogo, Israel entendia que Javé havia atuado duas vezes de maneira fundamental em sua história. De forma resumida, essas duas vezes seriam: de Abraão a Josué e na confirmação do trono de Davi. Von Rad não deixou de dizer que Israel cria na intervenção constante de Deus, entretanto, essas duas ações foram fundamentais na teologia de Israel e na construção do que ele chamou de “história da salvação”.¹⁵ Dessa forma, os salmos podem ser vistos como uma maneira de Israel reagir diante das ações de Deus, pois foi “principalmente no culto que Israel glorificou as intervenções de Javé na história”.¹⁶

De forma mais simples, o salmo enumerava puramente os atos de Deus, tanto na criação como na história da salvação. Com seu desenvolvimento, segundo von Rad, passou-se também a falar das atitudes de Israel, mesmo as que o envergonhava. A palavra *hōdâh* ajuda a entender essa percepção, pois, sendo geralmente traduzida por “louvar”, seu real significado é “confessar, reconhecer, aprovar” e, sempre quando empregada nos salmos, refere-se a fatos divinos já ocorridos.¹⁷ O que o salmista fazia, ora individualmente, ora representando a

¹² HOUSE, 2005, p. 515-517.

¹³ HOUSE, 2005, p. 517-518.

¹⁴ HOUSE, 2005, p. 520.

¹⁵ VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**: teologia das tradições históricas de Israel. São Paulo: ASTE, 1973, vol. 1, p. 340-341.

¹⁶ Von RAD, 1973, vol. 1, p. 342.

¹⁷ Von RAD, 1973, vol. 1, p. 342.

comunidade, era descrever a ação de Deus perante o mundo (criação) e perante Israel (história da salvação), bem como as reações de Israel para com lavé.

Salmos possui, então, suas próprias noções teológicas centrais e que propriamente norteiam a vida da comunidade – pois os hinos são também produções das preocupações de seu tempo. Merrill as resume em três: a soberania presente de Deus, o exercício de tal soberania por meio de um governante messiânico que ainda estava para vir, e Sião como o local para o reinado desse governante.¹⁸ O mais interessante para a pesquisa é a fácil percepção de que os temas principais em Salmos são também levados adiante, chegando a serem conceitos que precisam de explicações até mesmo no Novo Testamento.

As interpretações demonstradas até aqui não são concordantes entre si em todos os aspectos. Todavia, de modo especial, elas demonstram que para se entender o livro de salmos é necessário perceber a teologia israelita e compreender como o saltério se encaixa nessa teologia e contribui para sua construção. Da mesma maneira, a proposta da hermenêutica missional, que será vista mais abaixo, busca ser uma interpretação de toda a Escritura Sagrada, Antigo e Novo Testamentos, e ainda que não se foque exclusivamente no livro de Salmos, será possível visualizar como este compêndio pode ser interpretado pela hermenêutica missional e como pode contribuir para tal interpretação.

3. A HERMENÊUTICA MISSIONAL: PROPOSTA DE LEITURA A PARTIR DO ANTIGO TESTAMENTO

A hermenêutica missional é uma proposta de leitura bíblica baseada no conceito de *Missio Dei*. Chamada também de “método missiológico”,¹⁹ é sustentada muito mais por sua forma de interpretar o Antigo Testamento. De certa maneira, baseia-se no método de Eichrodt, pois, para tal teólogo, a tarefa hermenêutica consiste em chegar ao cerne do Antigo Testamento, isto é, “compreender a unidade estrutural da crença do Antigo Testamento e iluminar o seu mais profundo significado”²⁰ – e, tendo encontrado tal significado, interpretar o texto canônico a partir dele.

Foi, portanto, a partir de um entendimento do que seria a “Missão de Deus” e que ela seria a “unidade estrutural da crença do Antigo Testamento” que surgiram esforços para que ela fosse percebida no cânon sagrado. Dessa forma, antes de se falar de uma hermenêutica missional, é necessário, ainda que introdutoriamente, esboçar as ideias principais do conceito de *Missio Dei* e sua relevância para o contexto hermenêutico atual.

3.1 *Missio Dei*: história e conceito

O conceito de *Missio Dei* deriva-se das discussões teológicas sobre onde poderia se encaixar a ideia de “missões”. Durante séculos, o pensamento sobre missão tinha muito mais

¹⁸ MERRILL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2009, p. 546.

¹⁹ ALVES, 2011, p. 41.

²⁰ ALVES, 2011, p. 40.

relação com aquilo que era feito do que algo propriamente característico da centralidade da Igreja.

Missão já foi compreendida como um esforço para salvar indivíduos da condenação do inferno, isto é, seu sentido era puramente soteriológico. De forma ainda menos gloriosa, missão já foi considerada como um esforço cultural, pelo qual pessoas do Ocidente levavam as bênçãos e alegrias do cristianismo aos outros povos. Missão também se resumiu à esfera da Igreja, particularmente ligada à expansão de tal e tal denominação. Por último, pode ser dito que o conceito de missão foi até mesmo confundido com a história da salvação: “um processo através do qual o mundo – pela evolução ou por um evento cataclísmico – seria transformado no reino de Deus”.²¹ Todas essas ideias de missão se distanciavam da compreensão bíblica do envio (do latim *missio*) do Filho pelo Pai e do Espírito pelo Pai e Filho.

Tais eram os conceitos sobre “missão” até o início do século passado. Resumidamente, eles poderiam descrever a missão como algo que se faz, mas não algo que atua na essência da Igreja – e do próprio Deus. Ainda no início do século (1932), Karl Barth revolucionou o pensamento missiológico, ao propor que a missão era uma atividade propriamente de Deus. Num congresso missionário em Tambaram, no ano de 1938, a delegação alemã destacou que os novos céus e nova terra seriam estabelecidos apenas por um ato criativo de Deus;²² tal proposta batia de frente com o conceito liberal de construção do reino de Deus na terra por um esforço moral. Apesar dos esforços, foi somente no ano de 1952, na conferência missionária de Willingen, que se falou da missão emanando da natureza de Deus, ou seja, comparando as propostas anteriores, pode ser dito que a missão foi inserida na doutrina da Trindade e não mais na doutrina da Igreja (eclesiologia), nem da salvação (soteriologia).²³

Vicedom contribuiu amplamente nessa ligação da missão com a Trindade.²⁴ Para ele, o atuante na missão, segundo as Escrituras, sempre é o próprio Deus e nunca a Igreja. Essa instituição é apenas instrumento para a missão iniciada em Deus, sendo ela própria resultado de seu “esforço missionário”, o qual envia e salva.²⁵

O termo “*Missio Dei*” possivelmente foi criado pelo missiólogo Karl Hartenstein, como forma de resumir o pensamento de Karl Barth. A proposta destes dois teólogos é de que a missão, antes de qualquer coisa, é um movimento intratrinitário de Deus consigo mesmo, todavia, que chega a abranger seu poder na história.²⁶

Como dito, o termo *missio* é latim e significa basicamente “envio”. O conceito de *Missio Dei* começou no entendimento desse movimento de Deus consigo mesmo, ou seja, o envio eterno de Deus Pai ao Filho e do Pai e Filho ao Espírito, e se expandiu à ideia de que toda missão humana, é nada mais que uma participação desse envio – como se fosse uma extensão

²¹ BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: EST / Sinodal, 2002, p. 466.

²² BOSCH, 2002, p. 467.

²³ BOSCH, 2002, p. 467.

²⁴ WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida nova, 2014, p. 63.

²⁵ VICEDOM, George F. **A missão como obra de Deus**: introdução a uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996, p. 15.

²⁶ WRIGHT, 2014, p. 63.

dele.²⁷ *Missio Dei* caracteriza a missão como uma obra de Deus. Nas palavras de Vicedom: “ele é o senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante. Ele é o sujeito ativo da missão”.²⁸

Um resultado desta atividade teológica é o novo atributo dado a Deus. O soberano também pode ser chamado de “missionário”,²⁹ pois missão é uma de suas características, tais quais a infinitude e imutabilidade.

Portanto, se faz parte da constituição de Deus ser missionário, tal atributo, bem como ações que derivem deste, deve ser visto na atuação dele mesmo perante a nação de Israel. É nesse ponto que se pode começar a indagar o que seria uma “hermenêutica missional”.

3.2 A hermenêutica missional

À proposta de interpretação que vê como cerne da Bíblia, a “*Missio Dei*” (chamada de metanarrativa) dá-se o nome de hermenêutica missional. Tal leitura fora apresentada por Christopher Wright, em seus livros “*A missão de Deus*”³⁰ e “*A missão do povo de Deus*”,³¹ os quais servirão de base para esta parte da pesquisa.

Em primeiro lugar, para se falar de uma leitura missional da Bíblia é preciso compreender que o cânon bíblico já é puramente só uma testemunha da existência da missão de Deus. Obviamente, isso se relaciona apenas com quem defende que há ligação entre o texto bíblico e a revelação do Deus criador (descrito em suas páginas). Se há cânon, é porque houve doação do próprio Deus, autorrevelação que o fez ser percebido aos escritores. Como resume Wright: “o cânon inteiro das Escrituras é um fenômeno missional”.³²

Mas o que as Escrituras, mais propriamente o Antigo Testamento, afirmam sobre Deus e sua missão? Qualquer leitor que se depara com os textos contidos na primeira parte da Bíblia, percebe que são, em sua maioria, histórias, poesias, conselhos e profecias. A chave para a hermenêutica missional consiste em perguntar qual seria a narrativa por trás das histórias, dos discursos e conclusões. É buscando elucidar essa questão que o Antigo Testamento responde a quatro perguntas básicas de toda cosmovisão: “onde estamos, quem somos, o que deu errado, qual é a solução”. Sua história se encontra no desvendar do grande propósito divino para as nações, de modo geral, e para toda criação.³³ Essa narrativa bíblica é dividida em quatro partes: criação, queda, redenção e esperança futura.³⁴

Em segundo lugar, pode-se perguntar como se encontra a chave para a leitura missional da Bíblia. Em outras palavras: se o Deus missionário fez contato com a humanidade para cumprir seus propósitos a todas as nações, onde isso se encontra nas Escrituras? Abraão e a

²⁷ WRIGHT, 2014, p. 63.

²⁸ VICEDOM, 1996, p. 16.

²⁹ BOSCH, 2002, p. 468.

³⁰ WRIGHT, Christopher. **A missão de Deus**: desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014. 576 p.

³¹ WRIGHT, Christopher. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012. 352 p.

³² WRIGHT, 2014, p. 47.

³³ WRIGHT, 2014, p. 54-55.

³⁴ WRIGHT, 2014, 64.

promessa feita por Deus a ele é onde a metanarrativa da missão começa a se delinear – “o texto fundamental não só do livro de Gênesis, como da Bíblia inteira”.³⁵

Em Gênesis 12.1-3 encontra-se o chamado e a promessa de bênção feitos por Deus ao patriarca. O que mais chama atenção à hermenêutica missional é o aspecto de abençoar as nações: “em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12.3). Tais versículos demonstram que, apesar de tudo já ocorrido (narrado em Gn 1-11), o propósito de Deus ainda é de abençoar a humanidade.

Para que isso ocorra, o patriarca precisa sair da sua terra, pois a bênção para as nações não pode ser encontrada nos impérios erigidos pelo homem – a bênção não vai emergir deste mundo.³⁶ É Deus quem está respondendo à condição em que o homem se encontra, e não o contrário. Esse contraste, pode ser visto na indicação do narrador de que os construtores da torre de Babel possuíam um desejo específico: “façamo-nos um nome” (Gn 11.4); todavia, Deus age e acaba com essa possibilidade. Já na conversa que tem com Abraão, sua promessa chega a contar com um “abençoar-te-ei e engrandecerei o seu nome” (Gn 12.2).

A missão de Deus se dará em torno dessa bênção, que deverá ser preservada e levada ao auge no crescimento e dispersão das nações ao redor do mundo. A bênção oriunda de Abraão se torna o contato de Deus com o mundo. Sua incidência na humanidade deve manter a diversidade de nações, na realidade pós-Babel, entretanto remover a influência maligna de todo pecado e arrogância do ser humano – pintadas com cores vivas na construção da torre. O homem Abraão é como um gatilho para que o processo dê início, todavia, no fim, todas as nações deverão estar incluídas na bênção de Deus.³⁷

Abraão torna-se, desta forma, aquele que carrega a promessa. Obviamente, o cumprimento não se dá na pessoa do patriarca, mas com seus descendentes. A comunidade que surge com os filhos de Abraão é conhecida como nação de Israel. Tal nação deveria ser ensinada a andar nos caminhos justos e retos do Senhor. A missão seria cumprida através da vivência dessa comunidade numa ética baseada nos padrões divinos, pois, dessa forma, a promessa a Abraão estaria sendo cumprida, e as nações abençoadas.³⁸ De fato, Deus trataria do pecado por meio do povo oriundo deste homem.³⁹ Essa foi considerada, portanto, a promessa mais importante da Bíblia, de onde todas outras se derivam. O povo de Israel seria instrumento usado por Deus para trazer salvação a todos os povos da terra.⁴⁰

A “história da Bíblia” continua depois de Abraão e mostra uma nação destinada a ser luz entre as nações, povo-modelo, vivendo de maneira contrária à lei dada por Deus. Esta lei, dada no Sinai, que serviria para fazer de Israel uma nação única entre todas outras, expôs de modo claro como Israel necessitava de Deus, tanto quanto as outras nações. Os profetas surgem apontando que o Senhor manterá sua promessa de abençoar as nações e salvar o mundo;

³⁵ WRIGHT, 2014, p. 200.

³⁶ WRIGHT, 2014, p. 209.

³⁷ WRIGHT, 2014, p. 210.

³⁸ WRIGHT, 2012, p. 99-100.

³⁹ WRIGHT, 2012, p. 50.

⁴⁰ CARRIKER, C. Timóteo. **A visão missionária na Bíblia: uma história de amor.** Viçosa: Ultimato, 2005, p. 24.

ainda mais, esses arautos insistem que será por meio de Israel que isso vai acontecer.⁴¹ Para o cânon cristão - e somente a partir deste cânon é que se pode pensar numa hermenêutica missional - a resposta de Deus veio no Novo Testamento. A chegada do Messias não destruiu a cosmovisão construída no Antigo Testamento, apenas deu continuidade à proposta missional trazida por Deus à humanidade através de Abraão e Israel.

O intuito dessa pesquisa é pensar na hermenêutica missional e como ela pode ser aplicada ao livro de Salmos, portanto falar sobre Novo Testamento não é tarefa primordial aqui. São válidas, entretanto, apenas algumas considerações.

Jesus é o Messias esperado no Antigo Testamento. Ao se encarnar, ele representa Israel e cumpre a restauração dessa nação, sendo vitorioso naquilo em que eles falharam. A cruz e a ressurreição de Cristo fazem com que a história da redenção de Deus à humanidade chegue ao ponto central. A comunidade que se reúne “pelo nome de Jesus” é o Israel restaurado e expandido para realizar e cumprir a promessa feita a Abraão – Deus estava resolvendo o problema do pecado e da queda (Gn 3) e também da divisão racial e discórdia étnica (Gn 11). A criação da Igreja, na leitura missional, é o cumprimento da esperança de Israel, de que as nações da terra seriam abençoadas pela descendência de Abraão.⁴² Segundo Wright, Paulo, entendendo essa narrativa, pôde afirmar: “se estamos em Cristo, também estamos em Abraão”.⁴³ Desta maneira, a hermenêutica missional faz um trajeto que se inicia na sua compreensão de Deus, passando pela “história por trás das histórias” do Antigo Testamento, chegando à pessoa do Messias cristão – Jesus Cristo.⁴⁴

A perspectiva da missão de Deus que dá base à interpretação de toda a Bíblia, gerando essa hermenêutica, deve tanto ser fundamento para o estudo do cânon, isto é, gerar a leitura missional da Bíblia, como também ser fruto destes textos vistos separadamente. Como num movimento de “fora para dentro” e de “dentro para fora”. Segundo Wright, “interpretar toda a Bíblia à luz dessa perspectiva abrangente da missão de Deus é, assim, interpretá-la à luz de toda esta coleção de textos que constitui o cânon das nossas Escrituras”.⁴⁵ Isso faz com que, de modo final, o texto (qualquer perícopo ou livro da Bíblia) seja lido pela perspectiva missional, porém, inicialmente, tal texto seja, antes disso, um contribuinte para a formação dessa hermenêutica.

E como seria possível propor uma leitura do livro de Salmos inteirando-se de todos esses conceitos *missionais*: a *Missio Dei*, a bênção de Abraão, a participação na promessa, os termos legais da participação descritos na aliança, Israel como modelo de Deus no mundo e a atração das nações a Deus por meio de Israel? Sem dúvida esses temas necessitam, cada um, de espaço próprio de estudo, entretanto, juntos na formação da hermenêutica missional, podem contribuir para uma proposta de leitura do livro de Salmos.

⁴¹ WRIGHT, 2012, p. 51.

⁴² WRIGHT, 2012, p. 51-52.

⁴³ WRIGHT, 2014, p. 58.

⁴⁴ CARRIKER, 2005, p. 34.

⁴⁵ WRIGHT, 2014, p. 65.

4. PROPOSTA PARA LEITURA MISSIONAL NO LIVRO DE SALMOS: A MISSIO DEI EM SALMOS E O SALMOS NA MISSIO DEI

O livro de Salmos, como apresentado, demonstra a fé do povo de Israel em um Deus único, soberano, criador e dirigente da história. Tais concepções não precisam ser discutidas, pois se encontram no compêndio de cânticos de forma visível e clara.⁴⁶ A questão a ser debatida é como se encaixam as declarações de Salmos na perspectiva missional? Algumas propostas para uma percepção missional no saltério foram relacionadas, de maneira que, introdutoriamente, possa auxiliar o hermenauta em sua leitura do livro. Estas são:

1. Salmos contribui para uma teologia missional por sua visão de adoração: adorar o Deus soberano era muito mais importante que provar que Ele era o único Deus – enxergar a soberania de Deus sendo adorada é, talvez, a forma mais objetiva de um intérprete ler em salmos uma visão missional. Pode ser dito, ainda, que todas as conclusões deverão estar abaixo dessa concepção de soberania de Deus e adoração do ser humano;

2. O aberto e declarado convite às nações em seus vários formatos pode denotar a perspectiva de abençoá-las: começando pelo convite individual ao estrangeiro e chegando à declaração de que as nações poderiam ficar felizes por causa do controle direto de Deus em relação aos poderes do mundo. Relacionado ao ponto acima, pode-se dizer que é feito um convite para que as nações participem da adoração feita por Israel ao Deus soberano;

3. A leitura da história é também muito perspicaz no livro de Salmos: Deus cria, chama, salva, resgata. Os salmistas, em todo tempo, buscaram olhar “por baixo da cortina da história” e apresentar o real significado – como toda construção de uma cultura. Basicamente, definem que Deus é Senhor sobre todos e que a história, sendo desenrolada por Israel, é controlada por esse Senhor, às vezes por meio de conselhos e direcionamentos, outrora por atos de justiça;

4. Obviamente, também deverá chamar atenção do hermenauta em busca de uma leitura missional a lembrança da promessa a Abraão feita pelos escritores. É fácil notar que tal promessa, bem como a própria pessoa do patriarca, é raramente lembrada nos *tehilim*. O Salmo 105, que busca recontar a história de Israel, demonstrando que esta se desenrola pela atuação do Soberano lavé, faz alusão à promessa feita a Abraão. Na verdade, tal salmo indica que tudo o que lavé fez ao livrar seu povo da escravidão do Egito, fê-lo porque “se lembrou da sua santa palavra, e de Abraão, seu servo” (Sl 105.42). As poucas vezes em que a promessa ao pai de Israel é lembrada em Salmos podem fazer com que se chegue a uma das duas concepções distintas: a) a bênção de Abraão não teve significado tão profundo para a fundação de Israel e sua própria compreensão de si mesmo, ou b) a promessa e bênção a Abraão é característica fundamental para a formação do povo, sua percepção de si mesmo e formação de propósito, de tal forma que se torna um fato dado como real e indiscutível, sendo deixado de lado o debate, ou mesmo sua apresentação repetida, pela falta de necessidade de ter que demonstrá-la várias vezes. A perspectiva missional vai pela segunda opção;

⁴⁶ CHISHOLM Jr, 2009, p. 233.

5. Os salmos individuais também são preocupações para uma proposta de leitura missional: o que eles têm a ver com o conceito de *Missio Dei*? Ou perguntando de outra forma: se os salmos devem ser lidos pela perspectiva missional, por que existem cânticos falando de indivíduos e preocupando-se com problemas individuais? Em nível de exemplo, pode ser falado dos salmos mais difíceis de serem discutidos nessa perspectiva: os salmos de maldição, ou orações imprecatórias. O que a promessa de bênção a Abraão tem a ver como o desejo que Deus quebre os dentes do ímpio (Sl 58.6)? Sem dúvida, não será apenas a leitura missional que terá dificuldade para interpretar tais textos, mas todo teólogo bíblico precisará compreender estes salmos, além da aparente “falha de conduta”. É claro a qualquer leitor que desejar “lavar os pés no sangue dos ímpios” (Sl 58.10) não se encaixa facilmente numa ética que pressupõe abençoar as nações. A resposta a esta parte seria uma evocação do primeiro ponto: a soberania de Deus. Lembre-se de que todo o saltério deve ser entendido como declaração de Soberania de Deus e adoração do homem.

As expressões de maldição invocam o justo caráter de Deus. A oração do salmista pressupõe a sua não-reação, ou seja, ao orar demonstrava fé na ação justa e poderosa do Soberano. A preocupação recaía tanto em seu bem-estar, quanto na reputação de Deus perante as nações: “caso [Deus] falhasse a este respeito, haveria razão para questionar sua soberania e os ímpios ficariam mais complacentes e arrogantes”.⁴⁷ O desfecho de qualquer arrogante e ímpio teria de ser visível a todos, de tal maneira que, ao verem a situação, ficassem impressionados com a justiça divina e o Deus que trouxe tal julgamento.⁴⁸ As orações individuais (nesse exemplo, mais especificamente as maldições aos ímpios) são baseadas na concepção de um Deus soberano universalmente, portanto que tem domínio sobre as nações.

Soberania de Deus, convite às nações se regozijarem no Deus de Israel, o Senhor como autor da história universal, a bênção de Abraão e a concepção de justiça imparcial de Deus podem ser pontos importantes para começar uma leitura missional no livro de Salmos.

O conceito fundante dessa hermenêutica, a *Missio Dei*, é também representado em vários cânticos: “servi ao Senhor com temor e alegrai-vos com tremor” (Sl 2.11), foi convite feito aos reis e juizes da terra. É o Senhor quem julgará os povos com retidão, repreenderá as nações e será um refúgio para o oprimido (Sl 9.8,5,9). A soberania de Deus e sua autorrevelação graciosa são conceitos encontrados grandemente no saltério. A própria criação através de sua rotina testemunha dessa soberania (Sl 19.1-6). E certamente a nação escolhida, por meio de sua ética (Sl 19.7-13), e mais especificamente por causa do controle régio do Senhor sobre ela (Sl 33.12), demonstra participar da atuação de Deus na história da criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ávido leitor e intérprete bíblico poderá chegar ao final dessa pesquisa com a sensação de que a hermenêutica missional não propôs muita coisa nova para a busca de significado dos

⁴⁷ CHISHOLM Jr, 2009, p. 254.

⁴⁸ CHISHOLM Jr, 2009, p. 254.

Salmos. Temas como soberania de Deus, adoração por parte de Israel, e até mesmo o convite às nações, já foram amplamente tratados em outras perspectivas e hermenêuticas. Onde estaria a contribuição para enxergar além do que já é conhecido?

Primeiramente é necessário relacionar o conceito de *Missio Dei* com a realidade dos Salmos. Dizer que Deus tem uma missão é muito mais que nomear uma de suas atividades. Segundo esse conceito, é propor que o próprio Deus seja um missionário. Como dito anteriormente, é assumir que o Soberano de Israel possuía um atributo ainda não declarado e definido pela teologia. No livro de Salmos, se há a possibilidade de que esse atributo seja conhecido, ele só poderá se fazer conhecido dos homens pela sua atividade. Se a proposta fosse discutir sobre Deus, poder-se-ia dizer que a incidência, isto é, a atuação gerou a percepção da essência. No entanto, antes de agir como missionário, Deus já teria essa realidade em si – ou seria também uma característica intratrinitária. Talvez possa ser traduzido para a teologia sistemática da seguinte maneira: ser missionário é um atributo externo ou comunicável de Deus. Com certeza, outros textos do Antigo Testamento apresentem mais características que possam apoiar essa afirmação, entretanto o saltério de cânticos, ao ler a história a partir da atuação de Iavé, apresenta também, de maneira aberta e clara, a atividade de autorrevelação de Deus, o convite à adoração feito a Israel e por meio dele às nações. Com isso, pode se dizer que é plausível fazer uma interpretação missional no livro de Salmos.

Mais importante para a leitura missional é a contribuição da “bênção de Abraão”. A diferença nessa proposta é o convite a olhar Salmos dentro do contexto da relação de Deus com a humanidade como atividade missionária e especialmente Israel como seu instrumento para abençoar as nações. Desta forma, ler os Salmos de maneira missional é algo que se faz “a priori”, ou seja, a leitura é condicionada à proposta hermenêutica em questão. Conceitos como soberania, entre outros, são apresentados como forma de perceber a atividade missional de Deus. Tais conceitos servem de base para essa hermenêutica quando, juntos num contexto maior, testemunham que a proposta é viável e pode ser encontrada em todo o texto sagrado.

Por fim, ler o livro de Salmos numa perspectiva missional é entendê-lo dentro de um contexto onde a chave se encontra na promessa de bênção feita por Deus ao patriarca Abraão. Tal promessa é mais que simples comprometimento entre um deus e um homem, mas o ponto de contato feito pelo Deus soberano com a humanidade no intuito de abençoá-la com sua presença. Salmos, portanto, começa sendo testemunha dessa “presença”, mas vai além, reagindo a tal presença com adoração e relacionamento com o Deus que se faz presente, percebendo também que a incidência desse Deus na realidade humana (e em toda criação) a transforma de maneira irreversível e para o seu bem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Eduardo Leandro. **Salmos missiológicos**: princípios bíblicos para a prática missionária da igreja. Londrina: Descoberta, 2011. 130 p.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada versão Revista e Corrigida de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. 1248 p.

BOSCH, David J. **Missão transformadora:** mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: EST / Sinodal, 2002. 690 p.

CARRIKER, C. Timóteo. **A visão missionária na Bíblia:** uma história de amor. Viçosa: Ultimato, 2005. 136 p.

CHISHOLM Jr, Robert B. Uma teologia dos Salmos. In: ZUCK, Roy B. (edit.). **Teologia do Antigo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2009. p. 227-277.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 2005.

MERRILL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Shedd, 2009.

RAGUER, Hilari. **Para compreender os Salmos.** São Paulo: Loyola, 1998.

VICEDOM, George F. **A missão como obra de Deus:** introdução a uma teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 1996. 127 p.

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento:** teologia das tradições históricas de Israel. São Paulo: ASTE, 1973.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão de Deus:** desvendando a grande narrativa da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 2014. 576 p.

_____. **A missão do povo de Deus:** uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova / Instituto Betel Brasileiro, 2012.